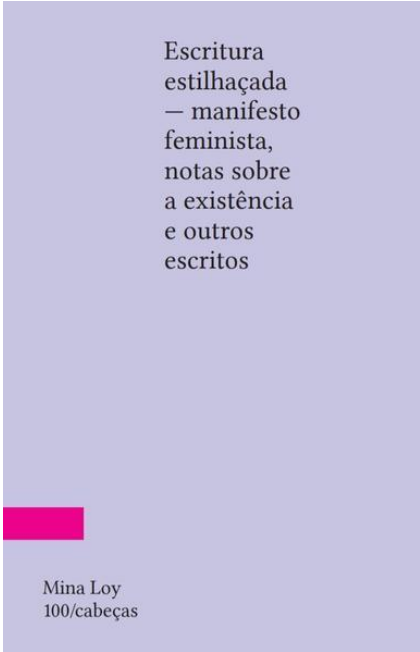
Estilhaços de um corpo que escreve sobre o peso do mundo: leituras possíveis de Escritura estilhaçada, de Mina Loy

Marcelle Jancinto da Silva
Centro Universitário Christus| Fortaleza, CE, Brasil
marcelle.silva.cs@gmail.com

DOI https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v34i1p%25p



LOY, Mina. Escritura Estilhaçada – manifesto feminista, notas sobre a existência e outros escritos. São Paulo: edições 100/cabeças, 2020.

Mina Gertrude Lowy (1882–1966), ou Mina Loy, nome mais conhecido e que aparece na capa da obra referência desta resenha, intitulada Escritura Estilhaçada – manifesto feminista, notas sobre a existência e outros escritos – possivelmente a primeira obra exclusivamente da autora publicada no Brasil -, foi uma poetisa, pintora, romancista, uma figura essencial das vanguardas modernistas da primeira metade do século XX. A autora nasceu em Londres, no Reino Unido, em 27 de dezembro de 1882, e faleceu aos 84 anos, em 25 de setembro de 1966, em Aspen, nos EUA, fato este que desvela seu deslocamento entre Europa e as terras norte-americanas, movimento este que marcou sua existência. Loy atuou em movimentos como o futurismo e o dadaísmo, mantendo, no entanto, uma postura crítica, muitas vezes considerada radical, em relação às normas estéticas e políticas que os constituíam – especialmente no que diz respeito à exclusão de vozes femininas e à reprodução de padrões patriarcais na

sociedade, característica de sua obra que passou a chamar atenção a partir da década de 1980.

Sua obra escrita, marcada por uma linguagem fragmentária – estilhaçada mesmo, como o próprio título do livro destaca -, experimental e de um teor político escancarado, permaneceu por décadas marginalizada, tendo sido redescoberta e reconhecida a partir do final do século XX no campo dos estudos de gênero, literatura modernista e teoria feminista, especialmente por sua posição "diante de questões de 'sexualidade' que hoje enquadraríamos na égide da teoria dos gêneros" e da presença recorrente de questões relacionadas à construção da "identidade feminina" (Pugliese, 2017, p. 59). Essa postura, possivelmente, explica o fato de seu texto mais comentado ser o Manifesto Feminista, que veio a público originalmente em 1914, um dos escritos da autora que compõem a obra resenhada.

A publicação de Escritura estilhaçada – Manifesto feminista, notas sobre a existência e outros escritos, pela Edições 100/cabeças, constitui um gesto editorial de reconfiguração crítica do modernismo e de suas margens. Reunindo textos da poetisa e artista anglo-americana, traduzidos para o português, mas também mantendo versões em inglês dos mesmos textos, a obra oferece ao público de língua portuguesa uma amostra de uma escrita - em formato de poemas, mas também ensaios - que se posiciona de modo a recusar a totalidade, como uma celebração da fragmentação formal e do embate direto com as convenções de gênero, linguagem e subjetividade. A obra reúne, ainda, imagens de esboços de desenhos e anotações da autora, que compõem uma paisagem que visa aproximar os leitores dos fragmentos que Loy nos permitiu acessar, fragmentos estes de uma complexidade particular, em muitos momentos, uma mistura de "palavras arcaicas com pontuações inventadas, sintaxe agramatical com temas explicitamente sexuais – e, por isso mesmo, tidos à época como escandalosos demais para a forma poética" (Lanius, 2023, p. 138).

Logo no início da obra, somos apresentados à autora através de uma Nota biográfica assinada por Alexandre Barbosa de Souza (2020), que desenha aos nossos olhos uma mulher disruptiva, sobretudo para a época em que viveu, uma mulher que nasceu para a arte, para o mundo das palavras, um mundo além daquele que a cercava, o mesmo da família e dos filhos. Em seguida, a imersão nos escritos da autora começa por fragmentos de anotações que a autora elaborou entre os anos de 1914 e 1919. As Notas sobre a existência nos aproxima de uma Loy nômade de pensamento e de corpo, ainda que, de acordo com Loy (2020, p. 9), nossa "pessoa aparente permanece um manequim imutável, composto por acidente", que questiona as expectativas sociais, as tradições e convenções da época que operam mecanismos de censura por meio de reflexões sobre o tempo passado e presente, aquilo que passa e o que fica, o que é visível e o que é invisível aos olhos do corpo, mas não da sensibilidade. Os devaneios da autora sobre a existência em si mesma, mas também sobre o amor, em muitas passagens, expressa uma autorreflexão que sinaliza para uma escrita de si, sobretudo quando Loy (2020, p. 11), como que em tom de desabafo, nos revela: "Recordando a minha vida posso observar uma lei absoluta da física – que energia sempre se perde".

Gertrude Stein aparece em dois textos que compõem esta obra, ambos intitulados Gertrude Stein: um poema, localizado ainda no começo do livro, e outro mais adiante, uma homenagem em tom ensaístico que celebra Stein, demonstrando, assim, sua admiração pela mulher que também se fez referência no modernismo, uma mulher que "desmantelou prodigiosamente as matérias-primas do estilo, e varreu radicalmente

a arena literária" (Loy, 2020, p. 31), em ambos os momentos comparada à outra grande figura feminina - Marie Curie -, em passagens como quando a autora se refere à outra como "Curie do laboratório do vocabulário", mas também quando Loy (2020, p. 31) aponta que "Ela sabia muito bem como o mínimo gesto de seu cérebro, uma vez deformado pelo ridículo, cairia na paisagem literária de sua época como uma precipitação química".

Em Parturição, Loy (2020, p. 17) nos envolve em um poema no qual a experiência do parto é descrita sem idealizações, um processo no qual "A dor não é mais forte do que a força de resistência que a dor convoca", "um cosmo de agonia" sem escapatória. O poema inicia com um tom de perplexidade diante do acontecimento, e é possível entrever uma metáfora do parto como experiência liminar — entre vida e morte, desejo e dor — recusa tanto a pureza angelical da maternidade quanto o automatismo biológico. Há certa ruptura com a linguagem hegemônica que não dá conta da experiência feminina em sua materialidade violenta, que não deixa de ser um trauma, um movimento em que há relaxamento, mas também negação de si. O verso livre, a pontuação irregular e as imagens viscerais compõem uma estética particular, onde o corpo feminino emerge como campo de batalha entre a opressão sócio histórica e a insurgência poética, atravessado por uma dor que "intensifica a sensibilidade", que gera vida, mas também aproxima da morte, tal qual a passagem do tempo.

No texto Manifesto Feminista, de 1914, provavelmente o mais conhecido da obra, a sua linguagem direta, quase panfletária, recusa a retórica conciliatória em favor de uma denúncia impiedosa das estruturas patriarcais que moldam a experiência feminina, as quais devem passar pelo "único método", que é a sua "demolição absoluta" (Loy, 2020, p. 25). Aqui, a autora desmonta o imaginário romântico burguês, "ilusões de estimação", que confunde amor com subordinação. O imperativo de "destruir o desejo de ser amada" não se dirige contra o afeto, mas contra a forma como ele foi historicamente construído como instrumento de dominação do corpo e da subjetividade femininos. E essa recusa não é apenas teórica — ela se inscreve no corpo da linguagem, rompendo com o tom confessional ou lírico associado à escrita feminina da época.

Em muitos de seus poemas e fragmentos ensaísticos, é possível sentir certa desconfiança de Loy diante dos sistemas representacionais. Suas palavras não buscam capturar a realidade, mas expor sua falência, sua insuficiência — um gesto que alinha sua poética à vertente mais radical do modernismo, aquela que não pretende reconciliar forma e conteúdo, mas justamente provocar tensionamentos até o limite da legibilidade.

Adiante, depois dos estilhaços que a autora espalhou pelo caminho, nos deparamos com o texto Traduzindo Mina Loy, de autoria de Maíra Mendes Galvão (2020), no qual a tradutora compartilha percepções sobre a obra da autora, mas, sobretudo explica questões técnicas sobre o movimento sempre perigoso do trabalho de traduzir não apenas palavras, mas pensamentos e a personalidade de alguém como Loy.

Antes de alcançarmos as páginas lilases – a primeira parte do livro, em páginas brancas, é composta por textos da autora que estão traduzidos para o português, enquanto a segunda parte do livro, preenchida com os mesmos textos na versão em inglês, é lilás, cor que remete à capa do livro -, Roger Conover (2020) no apresenta uma Cronologia inicia com seu nascimento, passando por seus primeiros estudos,

deslocamentos, seu casamento e nascimento dos filhos, suas amizades e suas produções, e culmina em seu falecimento.

Por fim, a edição da Edições 100/cabeças se mostra especialmente cuidadosa, um mapeamento de seus escritos, mas também de sua personalidade, e consegue manter a estranheza do original, mesmo quando ela desafia as convenções do português, em fidelidade à proposta de Loy de fazer da linguagem uma experiência que pulsa, ao romper com o estabelecido. Escritura estilhaçada revela a potência disruptiva de Mina Loy ao articular uma crítica feminista que pode ser lida como radical com uma forma literária igualmente insurgente. O caráter fragmentário não é apenas uma marca estética do modernismo, mas sobretudo um método político de insubmissão — a escrita estilhaçada como expressão de um corpo que pensa, sangra, deseja e se insurge, que se rebela contra o peso do mundo, ainda que suas palavras não carreguem em si nenhuma leveza.

Referências Bibliográficas

CONOVER, Roger. 2020. "Cronologia". In *Escritura Estilhaçada – manifesto feminista, notas sobre a existência e outros escritos*, 49-51. São Paulo: edições 100/cabeças.

GALVÃO, Maíra Mendes. 2020. "Traduzindo Mina Loy". In *Escritura Estilhaçada – manifesto feminista, notas sobre a existência e outros escritos*, 43-46. São Paulo: edições 100/cabeças.

LANIUS, Marcela. 2023. *"Pregas ocultas, rugas escondidas: os Três momentos em Paris de Mina Loy."* Cadernos De Literatura Em Tradução, n. 26: 137-149. https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i26p137-149.

LOY, Mina. 2020. *Escritura Estilhaçada – manifesto feminista, notas sobre a existência e outros escritos*. Tradução de Maíra Mendes Galvão. São Paulo: edições 100/cabeças.

PUGLIESE, Lucas Bento. 2017. *"A escritura de Mina Loy entre figurações do feminino na virada do século"*. Criação e Crítica, n. 19: 58-71. https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/133680/136324.

SOUZA, Alexandre Barbosa de. 2020. "Nota biográfica". In *Escritura Estilhaçada – manifesto feminista, notas sobre a existência e outros escritos*, 7. São Paulo: edições 100/cabeças.

sobre a resenhista

Marcelle Jacinto da Silva

Doutora e mestra em Sociologia, graduada em Ciências Sociais com estágio pós-doutoral em Psicologia, toda a formação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente dos cursos de Direito e Fisioterapia do Centro Universitário Christus (UniChristus), no campus da Parquelândia. Coordenadora adjunta do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS-UFC) e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Antropologia da Morte (L'AMort), ambos no Departamento de Ciências Sociais da UFC.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Sem financiamento.

Recebido em 15/07/2025.
Aprovado para publicação em 25/08/2025.